

GAMA

n.3

Estudos Artísticos, janeiro-junho 2014
semestral / ISSN 2182-8539 / e-ISSN 2182-8725

CIEBA-FBAUL



GAMA

n.3

Estudos Artísticos, janeiro-junho 2014
semestral / ISSN 2182-8539 / e-ISSN 2182-8725

CIEBA-FBAUL



Revista **GAMA**, Estudos Artísticos,
Volume 2, número 3, janeiro-junho 2014,
ISSN 2182-8539, e-ISSN 2182-8725
Ver arquivo em > gama.fba.ul.pt

Revista internacional com comissão científica
e revisão por pares (sistema *double blind review*)

Faculdade de Belas-Artes da Universidade
de Lisboa & Centro de Investigação
e de Estudos em Belas-Artes

**Revista indexada nas seguintes
plataformas científicas:**

- DOAJ / Directory of Open Access Journals
> www.doaj.org
- SHERPA / WoMEO > www.sherpa.ac.uk
- EBSCO host (catálogo) > www.ebscohost.com
- Open Academic Journals Index
> www.oaji.net
- GALE — Cengage Learning / Informe académico
> www.cengage.com

**Revista aceite nos seguintes sistemas de resumos
biblio-hemerográficos:**

- CNEN / Centro de Informações Nucleares,
Portal do Conhecimento Nuclear «LIVRE!»
> portalnuclear.cnen.gov.br

Periodicidade: semestral

Revisão de submissões: arbitragem duplamente
cega por Pares Académicos

Direção: João Paulo Queiroz

Relações públicas: Isabel Nunes

Assessoria: Pedro Soares Neves

Logística: Lurdes Santos

Gestão financeira: Cristina Fernandes, Isabel Pereira,
Andreia Tavares

Propriedade e serviços administrativos:

Faculdade de Belas-Artes da Universidade de
Lisboa / Centro de Investigação e de Estudos
em Belas-Artes — Largo da Academia Nacional
de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal
T +351 213 252 108 / F +351 213 470 689

Crédito da capa: Sobre obra de Matilde Grau,

E pluribus unum, porcelana, 165 cm ø, 2007.

Projeto gráfico: Tomás Gouveia

Paginação: Tomás Gouveia, Inês Chambel

Impressão e acabamento: Grafilinha, Lda.

Tiragem: 500 exemplares

Depósito legal: 355912 / 13

PVP: 10€

ISSN (suporte papel): 2182-8539

ISSN (suporte eletrónico): 2182-8725

ISBN: 978-989-8300-87-4

Aquisição de exemplares, assinaturas e permutas:

Revista Gama

Faculdade de Belas-Artes da Universidade
de Lisboa / Centro de Investigação e de Estudos
em Belas-Artes — Largo da Academia Nacional
de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal
T +351 213 252 108 / F +351 213 470 689

Mail: congressocso@gmail.com



**CONSELHO EDITORIAL /
PARES ACADÉMICOS DO NÚMERO 3**

Pares académicos internos:

Artur Ramos
(Portugal, Universidade de Lisboa,
Faculdade de Belas-Artes).

João Paulo Queiroz
(Portugal, Universidade de Lisboa,
Faculdade de Belas-Artes).

Luís Jorge Gonçalves
(Portugal, Universidade de Lisboa,
Faculdade de Belas-Artes).

Margarida P. Prieto
(Portugal, Universidade de Lisboa,
Centro de Investigação e de Estudos
em Belas-Artes).

Pares académicos externos:

Almudena Fernández Fariña
(Espanha, Facultad de Bellas Artes de
Pontevedra, Universidad de Vigo).

Álvaro Barbosa
(China, Macau, Universidade de São
José (USJ), Faculdade de Indústrias Criativas)

António Delgado
(Portugal, Inítuto Politécnico de Leiria,
Escola Superior de Artes e Design).

Aparecido José Cirilo
(Brasil, Universidade Federal do Espírito
Santo, Vitória, ES).

Carlos Tejo
(Espanha, Universidad de Vigo,
Facultad de Bellas Artes de Pontevedra).

Cleomar Rocha
(Brasil, Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Artes Visuais).

Francisco Paiva
(Portugal, Universidade Beira Interior,
Faculdade de Artes e Letras).

Heitor Alvelos
(Portugal, Universidade do Porto,
Faculdade de Belas Artes).

Joan Carlos Meana
(Espanha, Universidad de Vigo,
Facultad de Bellas Artes de Pontevedra).

Joaquim Paulo Serra
(Portugal, Universidade Beira Interior,
Faculdade de Artes e Letras).

Joaquín Escuder
(Espanha, Universidad de Zaragoza).

Josep Montoya Hortelano
(Espanha, Universitat de Barcelona,
Facultat de Belles Arts).

Josu Rekalde Izaguirre
(Espanha, Universidad del Pais Vasco,
Facultad de Bellas Artes).

Maria do Carmo Freitas Veneroso
(Brasil, Universidade Federal
de Minas Gerais (UFMG), Escola
de Belas Artes).

Marilice Corona
(Brasil, Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Artes).

Maristela Salvatori
(Brasil, Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Artes).

Mònica Febrer Martín
(Espanha, artista independente).

Neide Marcondes
(Brasil, Universidade Estadual Paulista,
UNESP).

Nuno Sacramento
(Reino Unido, Scottish Sculpture
Workshop, SSW).

Orlando Franco Maneschy
(Brasil, Universidade Federal do Pará,
Instituto de Ciências da Arte).

GAMA

n. 3

Estudos Artísticos, janeiro-junho 2014
semestral / ISSN 2182-8539 / e-ISSN 2182-8725

CIEBA-FBAUL

Eustáquio Neves: arte e resistência

Eustáquio Neves: art and resistance

SANDRA MARIA LÚCIA PEREIRA GONÇALVES*

Artigo completo submetido a 18 de Janeiro e aprovado a 31 de janeiro 2014.

* Brasil, artista visual. Graduação em Comunicação Visual na Escola de Belas-Artes (EBA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestrado e Doutorado em Comunicação e Cultura na Escola de Comunicação (ECO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora e pesquisadora na área da fotografia — Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

AFLIAÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fábico) Departamento de Comunicação, Rua Ramiro Barcelos, 2705 — Floresta, Porto Alegre — RS, CEP 90035-006, Brasil. E-mail: sandrapgon@terra.com.br

Resumo: Propõe-se refletir acerca do trabalho de Eustáquio Neves, artista visual brasileiro. Eustáquio Neves, negro, fala de si. Este falar de si envolve questões acerca da formação étnica e cultural do Brasil. Na amplitude de seu trabalho, escolheu-se para reflexão a série *Objetivação do Corpo* (Neves, 1999-2000). Através do que se convencionou chamar de *Documentário Expandido*, o artista leva-nos ao encontro do corpo feminino negro, objetivado por um discurso construído por séculos de submissão. Por meio de camadas temporais, criadas pela técnica laboratorial, o artista cria ranhuras (cristais) trazendo para primeiro plano questões referentes à identidade e à memória da mulher negra no Brasil. Para a reflexão autores como Duarte (2009), Fatorelli (2003) e Sousa (2004) são convocados.

Palavras chave: fotografia / Imagem-Cristal / Eustáquio Neves.

Abstract: *The proposition is to think the work of Eustáquio Neves, Brazilian visual artist. Eustáquio Neves is an afro descendant man who speaks about himself. This speech involves issues about Brazilian ethnical and cultural formation. The series *Body objectivity* (Neves, 1999-2000) was chosen to reflect the extension of his work. Through what is conventionally called *Expanded Documentary*, the artist takes us to meet the female afro descendant body, objectified by a speech built throughout centuries of submission. Through time layers, created by laboratory technique, the artist creates slots (crystals) bringing to foreground afro descendant female identity and memory issues. Duarte (2009), Fatorelli (2003) and Sousa are authors invited to this reflection.*

Keywords: *photography / Crystal-Image / Eustáquio Neves.*

Introdução

Como proposto no resumo deste artigo, tem-se como intento refletir acerca do trabalho de Eustáquio Neves, artista visual brasileiro. Nascido em Minas Gerais, na pequena Juatuba em 1955, Neves hoje mora na cidade mineira de Diamantina, Minas Gerais. De personalidade curiosa, desde a infância o artista sentiu-se atraído pela experimentação. Tal desejo levou-o a buscar formação técnica em química, concluída em 1979 na Escola Politécnica de Minas Gerais. Trabalhando como químico, compra seu primeiro aparelho fotográfico (1981) e torna-se um fotógrafo autodidata. A partir de 1984 passa a atuar como *freelancer* na área da publicidade e fotografia documental. Em 1987 ele abre um pequeno estúdio em Belo Horizonte, MG, e lá inicia suas experiências no laboratório analógico (Fernandes, 2003; Persichetti, 2000). Ele Percebe que com a fotografia pode experimentar e se exprimir — o conhecimento químico será um elemento importante em sua expressão visual, bem como as técnicas alternativas que irá desenvolver (colagens, manipulação de negativos e cópias). A partir daí Eustáquio Neves passa a elaborar um trabalho de expressão pessoal em que utiliza a imagem fotográfica como matéria expressiva

Autobiográfico, Eustáquio Neves, negro, em seu trabalho fala de si. O falar de si envolve questões da formação étnica, cultural e social do Brasil. Através das imagens que produz Neves propõem discutir questões que o incomodam e levar estas mesmas questões a um público mais amplo, como afirma em entrevista realizada em 2012 (www.youtube.com/watch?v=1JcUCKR2Ggg). Na amplitude de seu trabalho, onde, como já dito, aborda a questão étnica e cultural negra no Brasil, escolheu-se para pensar a série *Objetivação do Corpo* (Neves, 1999-2000), série esta representativa da obra do artista. Por meio daquilo que se convenciou chamar de Documentário Expandido, onde por vezes a fidelidade ao visível não é a prioridade, o artista leva-nos ao encontro do corpo feminino negro, objetivado por um discurso construído por séculos de submissão. Por meio de camadas temporais, criadas pela técnica laboratorial, o artista cria ranhuras, brechas cristalinas (Fatorelli, 2003) através de uma poética toda própria, trazendo para primeiro plano questões referentes à identidade e à memória da mulher negra no Brasil.

Em relação à fundamentação teórica, os aportes aqui utilizados vêm, entre outros, de Sousa (2004) nas questões pertinentes à fotografia documental e sua expansão, de Fatorelli (2003) com o conceito de Imagem Cristal, desenvolvido a partir de Deleuze (2007) e de Duarte (2009) nas questões referentes à condição do negro no Brasil. Salienta-se que as inferências aqui praticadas em relação às imagens comentadas baseiam-se nos pressupostos indiciados por Beceyro

(2005): uma leitura imanente à própria estrutura do quadro fotográfico, que se constitui na intencionalidade do artista e cujo sentido se completa na leitura feita pelo observador.

1. Referências Teóricas

Concidera-se importante esclarecer o conceito de Imagem-Cristal, visto ser considerado neste estudo um qualificador das imagens produzidas por Eustáquio Neves. Vamos a ele. Fatorelli (2003), pesquisador e fotógrafo brasileiro, a partir de leitura do conceito proposto por Deleuze (2007), parte da relação que as imagens estabelecem com o tempo e com o espaço e as divide em Imagens Orgânicas e Imagens Cristal. As Imagens Orgânicas seriam aquelas nas quais se encontram supervalorizadas as características referênciais da imagem, “[...] registros sumários que se esgotam na relação supostamente tautológica que estabelecem com a aparência” (Fatorelli, 2007: 32-3). Para o autor, ao contrário, a Imagem Cristal é aquela onde a subserviência à referência não é o mais importante, pois essa imagem é possuidora de realidades que não se confundem com ela. São imagens presentes principalmente no universo da arte. Segundo Fatorelli,

autônomas, abstraídas do vínculo remissivo de origem, essas imagens situam-se num presente sempre renovado que desperta um passado e prenuncia um futuro igualmente abertos” (Fatorelli, 2003: 33).

Essas imagens são como presentificações, atualizações expressas em dados arranjos do visível. Elas provocam a suspensão do aqui e agora, possibilitando nexos com um imaterial, “uma potência de pensamentos [...] quando o que importa não é mais reconhecer, mas conhecer” (IDEM). A potência dessas imagens está em ampliar o universo do visível, em sua possibilidade de mobilizar múltiplas temporalidades que se realizam nas múltiplas visadas de seus leitores. São imagens suplementares e o dialogismo é sua condição. Com tal conceito busca-se expor que o grau de aderência das imagens à referência é variável, havendo cargas diferentes de subjetividade ou objetividade de acordo com as relações estabelecidas dessas mesmas imagens com o tempo e com o espaço. Para pensar a série *Objetivação do Corpo* de Eustáquio Neves, é com esse conceito de Imagem-Cristal que se irá trabalhar.

Outro ponto a se marcar é a questão do lugar outorgado a mulher negra no Brasil desde a época escravagista negro africana — a importância de um pequeno aprofundamento da questão justifica-se por ser esse o material trabalhado

pelo artista na série *Objetivação do Corpo*. Homens, mulheres e crianças oriundos de diferentes regiões africanas foram trazidos para o Brasil com o propósito de servirem ao sistema comercial e exploratório que aqui se estabelecia. Para as mulheres o sistema parece ter sido mais vil: além de terem sua força de trabalho explorada e sua cultura expropriada foram também sexualmente abusadas. Vistas como propriedade, não eram donas de seus corpos, estavam à mercê dos caprichos de seu senhor. Além disso, segundo relato de Paula Libence (2013), pedagoga brasileira, que reflete sobre a questão, muitas negras eram engravidadas para

[...] gerar leite aos filhos das sinhás, e seus filhos servirem de mão de obra escravizada para seu senhor [...] a violência sexual não era só uma questão de sadismo senhoril. Era uma prática inserida na ordem econômica da época.

Somam-se a tudo isso as representações estereotipadas de parte da literatura brasileira, que reúne sensualidade e desrepressão à figura feminina originária da diáspora africana no Brasil. Duarte (2009), pesquisador do tema na literatura brasileira, indica a presença de modo recorrente do corpo disponível da mulata representado como o de um “animal erótico por excelência, desprovida de razão ou sensibilidade mais acuradas, confinada ao império dos sentidos e às artimanhas e trejeitos da sedução” (Duarte, 2009: 1). Segundo o autor, sobram em nossa literatura

alusões animalizantes, que cumprem a função de reforçar o seqüestro da humanidade da mulher, conseqüentemente, de enfatizar sua constituição apenas enquanto objeto de fantasias sexuais masculinas (Duarte, 2009: 6).

Contemporaneamente e tendo como foco a mídia televisiva, a representação da mulher negra ainda carrega estigmas e preconceitos. Segundo Araújo (2004), em estudo sobre a representação da mulher negra e de negros em geral na teledramaturgia brasileira, quando negros aparecem, são apresentados de forma estereotipada. As mulheres negras aparecem de forma negativa e em posição subalterna, o destaque é dado a aspectos relativos à sua sensualidade.

Considera-se possível afirmar que se tem produzido, no campo simbólico, um discurso que confina a mulher negra numa posição de inferioridade. Todavia, as mulheres negras têm buscado modificar esse cenário e contornado a objetivação que lhes é imposta através de ativismos que ressignifiquem sua imagem. É isso que o trabalho *Objetivação do Corpo* de Eustáquio Neves possui como proposta reflexiva.

2. Arte e Resistência

A fotografia praticada por Eustáquio Neves mais do que uma prática fotográfica é uma prática artística com uma poética própria. Ao modo de alguns artistas das Vanguardas do início do século XX que utilizaram a fotografia como matéria expressiva, Eustáquio Neves se vale de experimentações na tentativa de se afastar da fotografia convencional e seu determinismo visual; a fotomontagem, recurso também utilizado por ele, permite a destruição e a desmontagem de uma dada realidade. Neves opta algumas vezes pelo acaso em vez da composição dogmática e articula a fotografia com outras manifestações visuais. Suas imagens estão livres da servidão da transparência documental e nos apresenta algo novo, une o documento à expressão — associação com a arte, busca do simbólico, encenação interpretativa (Sousa, 2004).

Ao esgarçar o tecido do documento, o trabalho de Neves faz emergir uma epifania poética, uma revelação, produzida através de colagens, superposição de negativos (algumas vezes utiliza mais de 10 negativos para uma única composição de imagem), alguns esquecidos no tempo, textos, riscos, banhos químicos, caracterizada pelo experimentalismo e pela incorporação do acaso. Uma nova referência, construída, surge diante dos olhos do artista, levando-o e a seu leitor a uma aventura perceptiva. Por meio de uma imagem documental, dominante, peça matriz para a construção e discussão conceitual, Neves urde um novo lugar de interrogações e possibilidades. Sua preocupação está em “construir a representação de algo que não pode ser fotografado” (Fernandes, 2003: 174). Conceitualmente, julga-se encontrar nessas imagens produzidas por Eustáquio Neves e seus encadeamentos a explicitação do conceito de Imagem Cristal (Fatorelli, 2003), explicitado anteriormente.

A imagem a seguir (Figura 1), permite uma aproximação da proposta do artista: por meio de camadas, oriundas de técnicas mistas, sobrepostas a um texto manuscrito que lhes serve de base, pode-se vislumbrar a imagem central de uma espécie de Eva negra. Recobre parte de seu corpo uma tarja preta que impede sua total revelação. O sexo que a define surge em letras vermelhas, como submissão tatuada. Todavia, essa Eva escapa, sua nudez não clama o erotismo. Como o símbolo da anarquia, em branco, possível de ser visualizado na parte inferior da imagem, a Eva negra interroga seu destino ao olhar a maçã que tem entre as mãos e subverte, em sua aparente placitude, o lugar que lhe foi destinado na história. Seu olhar não se dirige ao dominador, mas a um além, a uma escolha. Esta imagem é um cristal e possibilita a reflexão sobre o lugar e a identidade da mulher negra na sociedade brasileira.



Figura 1 · Fotografia de Eustáquio Neves, *Objetivação do Corpo*, Belo Horizonte, 1999-2000, técnica mista. Fonte: Fotoportatil 5, São paulo, editora Cosac Naif, 2005.

Figura 2 · Fotografia de Eustáquio Neves, *Objetivação do Corpo*, Belo Horizonte, 1999-2000, técnica mista. Fonte: Fotoportatil 5, São paulo, editora Cosac Naif, 2005.

A imagem a seguir (figura 2), pertencente à Série *Objetivação do Corpo*, nos encaminha para reflexões semelhantes às expostas acima. Por meio de técnicas laboratoriais, sobreposições de negativos, uso de textos e provável utilização do acaso, a mulher apresentada por Eustáquio parece emergir de séculos de submissão, rasgando o véu que a continha. Seu corpo possui densidade e se impõe na identidade escolhida. Feminina, mas não dócil, sua presença fala nas estrias cristalinas da imagem. Seu olhar, como o da imagem anterior, é baixo. Estranhamente essa postura não se assemelha a qualquer tipo de submissão. Como num palimpsesto mágico toda a contração da história, que subordinou a mulher negra à uma condição de inferioridade, se expande nesta imagem. Límpida, ela busca seu lugar.

Conclusão

Por meio de imagens como as acima referidas, o artista convida seu leitor a mergulhar na potência do presente, entre-lugar onde as temporalidades se adensam, onde o passado pode ser revisto e o futuro maturado — lugar de apresentação (Bergson, 2010), de algo potencialmente novo. O discurso artístico e conceitual de Neves é transpassado por questões sociais, culturais e étnicas. O artista realiza seu intento com uma poética toda própria e a fotografia é a base, a matéria a ser trabalhada em suas inquietações e interrogações acerca do mundo.

Referências

- Araújo, Joel Zito (2000). *A Negação do Brasil*. São Paulo: SENAC. ISBN: 85-7359-138-2
- Beceyro, Raúl (2003). *Ensayos sobre Fotografía*. Buenos Aires: Paidós Argentina. ISBN: 950-12-2718-9
- Bergson, Henri (2010). *Matéria e Memória*. São Paulo: Martins Fontes, 2010. ISBN: 85-7827-252-8
- Duarte, Eduardo de Assis (2009). *Terra Roxa e Outras Terras — Revista de Estudos Literários*. Volume 17-A (dez. 2009). [Consult. 2013-12-28]. Mulheres Marcadas: Literatura, Gênero, Etnicidade. Disponível em <URL: <http://uel.br/pos/letras/terraroxa>>
- Fatorelli, Antônio (2003). *Fotografia e Viagem. Entre a Natureza e o Artificio*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ. ISBN: 85-7316-323-2
- Fernandes Junior, Rubens (2003). *Labirinto e Identidades: panorama da fotografia no Brasil*. São Paulo: Cosac Naif. ISBN: 85-7503-205-4
- Libence, Paula. A representação social da mulher negra nos programas de TV: do esteriótipo à sexualização. [Consult. 2013-12-29]. Disponível em <URL: <http://correionago.ning.com/profiles/blogs/a-representa-o-social-da-mulher-negra-nos-programas-de-tv-do>>
- Neves, Eustáquio (2005). *Fotoportátil 5*. São Paulo: Editora Cosac Naif. ISBN: 85-7503-470-7
- Neves, Eustáquio. Entrevista (2012). [Consult. 2013-12-10]. Disponível em < www.youtube.com/watch?v=1JcUCKR2Ggg>
- Sousa, Jorge Pedro Sousa (2004). *Uma História Crítica do Fotojornalismo Ocidental*. Florianópolis: Livraria Editora Obra Jurídica. ISBN: 85-85775-55-6